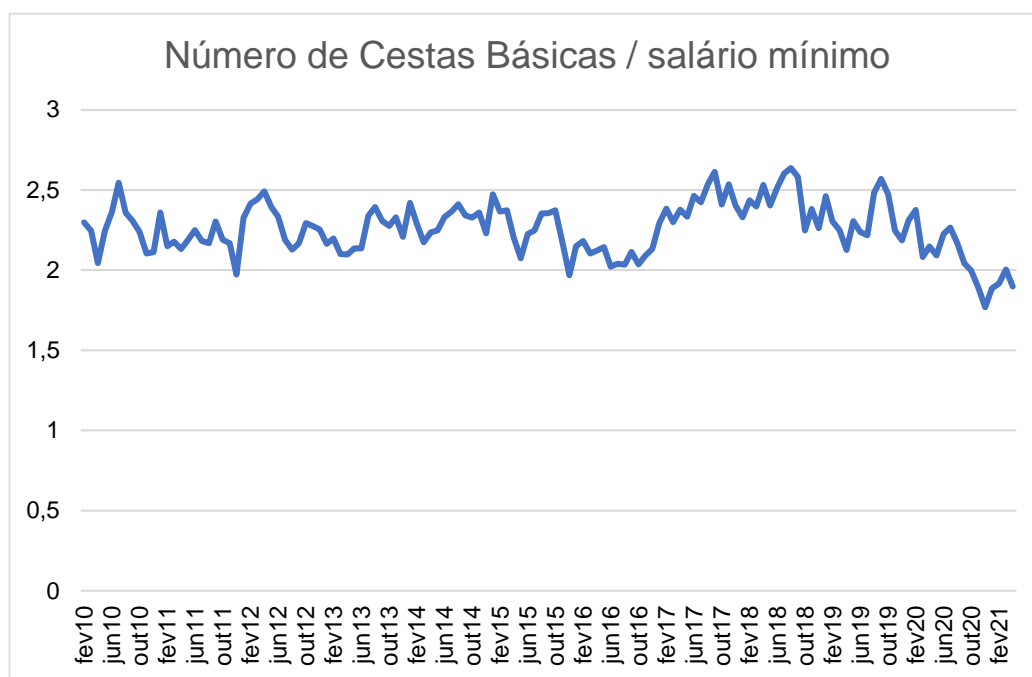


## A COVID E O PÉ DE FEIJÃO

Roberta Montello Amaral<sup>1</sup>

Nesta semana minha criatividade estava em baixa. Parei para escrever esta coluna e, do alto dos meus anteriores 143 artigos sobre inflação, percebi que estava sem inspiração. E, aí, recorri aos universitários... Com a ajuda de um ex-aluno e atual amigo/colega de trabalho, cheguei ao tema de hoje: “poder de compra do cidadão”. Então, como será que foi o comportamento da capacidade de compra do salário mínimo no último ano? E... voilà!

Para começar esta avaliação, vale a pena investigar como tem se comportado o preço da cesta básica em nosso município. Para tanto contamos com a ajuda do nosso já conhecido indicador de inflação de Teresópolis, o IPC-FESO. Apurado a partir da coleta de preços realizada pelos alunos dos cursos de graduação em Administração e em Ciências Contábeis, este indicador é uma importante fonte de comparação para a análise deste artigo. Assim, podemos montar um gráfico que indica, desde janeiro de 2010, quantas cestas básicas são possíveis comprar, em Teresópolis, com o valor de um salário.



O que o gráfico mostra é que, mesmo com o último reajuste de mais de 5%, em 2021, os atuais R\$ 1.100 mensais do salário mínimo nunca conseguiram comprar mais do que 2 cestas básicas. Isso quer dizer que, para uma família teresopolitana de 4 pessoas com renda familiar igual ao mínimo, pelo menos 50% dos seus gastos correspondem a uma alimentação básica. Além disso, desde março de 2020, iniciou-se uma trajetória de queda até que, em outubro do ano passado, a barreira de duas cestas por mês foi rompida, o que só tinha acontecido duas vezes antes da pandemia.

<sup>1</sup> \* Roberta Montello Amaral é economista, doutora em engenharia de produção, professora dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Nutrição do UNIFESO e Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão do UNIFESO. E-mail: [robertaamaral@unifeso.edu.br](mailto:robertaamaral@unifeso.edu.br)

Assim, desde o início da disseminação do COVID no Brasil, é visível que o poder de compra do trabalhador vem encolhendo sistematicamente, apresentando um comportamento oposto ao do pé de feijão que, magicamente, subia sem parar. O mais triste dessa história (a nossa, não a do João) é que, se a comparação fosse com 1 quilo de feijão, o cenário seria uma queda bem mais acentuada, conforme o gráfico a seguir.



Depois de comprar quase 200 kg de feijão com o valor de um salário mínimo no início de 2020, em abril de 2021 o trabalhador só é capaz de adquirir 112 Kg. Estamos diante de uma queda de mais de 40% na capacidade de compra!

E agora, João? Agora, resta fazermos a nossa parte e exigir políticas públicas que cortem o mal pela raiz, assim como fez o menino-herói do conto infantil. Provavelmente só poderemos retomar os patamares de janeiro do ano passado quando esta pandemia passar. Até lá, cabe a nós, meros mortais e protagonistas da vida real, esperar nossa vez de receber a vacina, usar máscara, higienizar as mãos regularmente e torcer pela recuperação da economia o mais rápido possível! Afinal, feijão e soluções mágicas, por enquanto, são exclusividade dos contos de fada. #proteja-se!

---